Comunicação

Autor(es): Ferreira, Raúl Hestnes

Publicado por: FCTUC. Editorial do Departamento de Arquitectura

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/37438>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0874-6168_2_7

Accessed : 26-Apr-2023 15:04:04

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

ecdj

2

fcuc | departamento de arquitectura

10 anos de arquitectura no colégio das artes

construir uma escola

tape

encontros de tomar 4

alexandre alves costa vs gonçalo byrne

paulo mendes da rocha

março 2000

nota do editor

A partir da transcrição da intervenção do autor nos Encontros de Tomar IV, em 27 de Maio de 99, este texto foi elaborado por R. Heslins Ferreira, mantendo a sequência da exposição original mas alternando as expressões citadas em discurso directo, com outras, escritas posteriormente, usadas como ligação e distinguindo graficamente nesta publicação.

Palavras introdutórias.

- > Intervir no fim obviamente pressupõe tratar de temas já focados; felizmente não ouvi a intervenção de Mário Kruger e assim terei menos problemas, mas há algumas coincidências curiosas sendo uma delas com a intervenção de Alves Costa...
- > Para esta intervenção tomei alguns apontamentos, que afinal são um pouco desconexos... Enfim, têm uma certa ordenação mas nem todos estão no seu lugar; no entanto, quando estava a pensar nesta intervenção, lembrei-me que seria como num filme de Rivette...
- > O Rivette dizia que, nos seus filmes, o espectador podia entrar um quarto de hora depois, sair meia hora antes, que não fazia grande diferença pois sabia que qualquer fragmento continha o essencial do filme.
- > Começo por referir a minha tendência, para dizer coisas inoportunas, que às vezes deixam as pessoas irritadas, o que não me impede de afirmar o que me parece útil. Espero que considerem que as minhas palavras têm um propósito construtivo, porque nesta instituição que muito prezo nunca teriam outro propósito.

O dobrar do milénio.

- > Não queria de modo nenhum estragar a festa e espero não o fazer. Mas, dado o meu sentimento actual, este encontro não vem em muito boa altura, pois estou com uma certa carga de pessimismo e desilusão em cima e, se calhar, não irei traçar um quadro cor de rosa das coisas, do que peço desculpa.
- > Para mim pesa muito este final de milénio, e pergunto-me qual a perspectiva que hoje existe? Olho à minha volta e confesso que nada me encanta muito, nem no mundo, nem neste país.
- > Não sei se vivemos num mundo virtual tenebroso criado pela nossa imaginação, ou se, pelo contrário, num mundo real tenebroso que nos é dado pelos meios de comunicação.
- > Essa questão aparentemente absurda tem muito peso sobretudo para as pessoas, como eu, que têm uma certa idade e contactaram gerações anteriores que tinham uma grande esperança no mundo novo, representado miticamente pelo ano 2000; o ano 2000 era uma data extremamente importante e havia o sentimento de que - 'é pá!', no ano 2000 tudo será melhor, haverá grandes progressos para a humanidade, etc. - E, de facto, chegamos ao ano 2000 e estamos nesta situação.

- > No outro dia li uma citação de Henri Michaux, escrita em 1920, em que dizia que no ano 2020 o mundo, incluindo a Ásia, iria ser mais desenvolvido, mais usufruído por todos e, de facto, se hoje olharmos para a Ásia e pensarmos no que acontecerá na Ásia dentro de vinte anos...
- > Tal é hoje o nosso sentimento...
- > Uma vez o meu pai escreveu que tinha "saudades do futuro". É hoje uma frase corrente, que ele revelou quando lhe perguntaram o que pensava da saudade. Eu pergunto-me se hoje repetiria essa frase? Tenho as minhas dúvidas...
- > **Na perspectiva do novo milénio, a filosofia optimista que herdei do meu avô desabou (aliás já tinha desabado na sua vida, só não tendo ido parar à costa de África em 1926 devido à sua amizade com Alfredo da Silva) e assim, como poderia esta comunicação ser cor de rosa?**
- > Paradoxalmente, a difusão da educação e cultura parece retirar a muitos, e sobretudo aos políticos, regidos por sondagens, por sua vez fabricadas, o poder de pensar...
- > Neste panorama, em que vemos operações de guerra, aparentemente só mediáticas, ocorrer, com a destruição planeada ao milímetro de cidades, ocorreu-me uma ideia salvadora:- Isto pode ser óptimo para os urbanistas; quando estudarem os planos de destruição perceberão o que há a fazer para estruturar uma cidade nova. Acho que é uma bela ilação colateral dos planos de destruição. Tentando não ser inteiramente pessimista nesta conjuntura, de tudo podemos tirar as nossas lições...
- > **É interessante comparar o extremo cuidado, a minúcia levada ao paroxismo, dos mais mirabolantes pormenores, do plano de bombardeamentos e o desleixo total dado ao destino dos amigos que se pretendia salvar.**

A democracia e o ensino da arquitectura hoje.

- > Hoje felizmente vivemos em democracia, que é a vontade da maioria traduzida no voto e delegada nos nossos representantes.
- > **Dada a mentalidade em regra tolerante dos portugueses, criou-se um país tanto quanto possível livre, mas talvez isento de profundidade que só o amor ao estudo, que se venha a difundir, poderá trazer.**
- > Neste contexto, para encurtar razões, existe liberdade para a livre iniciativa concorrencial, com as suas vantagens e desvantagens...
- > Surgem, por exemplo, cursos de Arquitectura por todo o lado. Alguns deles nascem duma vontade real de intervir na formação de profissionais preparados para uma acção válida no nosso meio. Mas outros, aparentemente, pretendem sobretudo o lucro. E a Arquitectura sente-se um pouco incomodada.
- > É evidente que a Arquitectura sempre esteve ao lado do poder; é o poder que tem capacidade de construir e, portanto, isso é um destino fatal dos arquitectos desde as comunidades mais antigas até ao Império Romano e até hoje.
- > Mas hoje há uma certa má consciência desse facto, que dá para criar alibis, traduzidos, às

vezes, em certos discursos...que me deixam perplexo, mas vamos passar à frente...

- > **Também por vezes somos presenteados com textos de estarrecer e parece que quanto mais absurdos melhor, pois só colocando-nos em bicos de pés, é possível impressionar os leitores/ telespectadores, bombardeados com mil e um acontecimentos e milhares de palavras.**
- > **No domínio da Arquitectura os actuais sucessos poderiam ensinar que à Estética, que caracteriza a nossa arquitectura actual, também está associada a Ética que reflecte a nossa presença no mundo.**

O curso de Coimbra.

- > Temos o nosso nicho aqui em Coimbra, que é um espaço pobre, como toda a gente sabe, não estou a dar novidade nenhuma, mas de grande dignidade na transmissão do saber arquitectónico.
- > Que podia ser complementado por outros acontecimentos, pois estão aqui reunidas condições e pessoas que poderiam favorecer a sua ocorrência. Simplesmente não acontecem...
- > Há uma acção interna, pedagógica (depois falamos um pouco sobre isso), mas sente-se a necessidade de outras iniciativas que não surgem para apoio do curso - questão que não posso deixar de focar.
- > **Perante o exterior que, como calculam, não é o que mais me preocupa, embora não deixe de ser importante, qualquer das restantes instituições públicas, e mesmo as privadas, têm uma capacidade de iniciativa e realização mais ampla.**
- > **Existe um certo imobilismo que lembra aquelas páginas de Eugénio d'Ors, quando fala, nostálgico, no silêncio do barroco Jardim Botânico com um vago toque de cornetim ao longe.**
- > Este curso nasceu há dez anos e, como outros, desenvolveu-se e transformou-se, integrando experiências de pessoas que dão o seu contributo. Há uma certa semelhança com o desenvolvimento duma família.
- > A família também tem pais, tios, primos, depois tem de tudo, tem pessoas muito sensatas, tem loucos, e até vigaristas, digamos assim... - não quer dizer que os haja aqui na Escola, não estou a dizer isso - mas de qualquer maneira é como uma família, e há famílias que por qualquer razão evoluíram muito mal, assim como há Escolas que se desenvolveram muito mal, não se sabe porquê.
- > Tiveram uma má Filiação, digamos assim. E há outras que, apesar das suas crises, possuem um fluxo de saber e nobreza que permanece e que marcam para sempre o seu destino, e espero que esta seja uma delas.
- > **É nessa perspectiva que se deve pensar o futuro da Escola. O corpo de conhecimento duma Escola e a sua pedagogia levam anos a sedimentar e é através da experiência e interacção com o exterior, incluindo a prática profissional, que se vai definindo o seu, digamos, espírito.**

- > Estamos de facto numa cidade incrível, um pouco mal tratada hoje, mas enfim..., e numa região também notável; há portanto um conjunto de circunstâncias aqui em Coimbra que permite perspectivar uma acção sólida de formação, apoiada em estudos e encontros. É evidente que não há dinheiro para tudo, mas no caso de se estruturarem as acções estou convencido que o dinheiro também acabará por aparecer.

O curso por dentro.

- > Há um aspecto que queria referir: é que uma grande parte dos professores que temos, e assistentes, vieram do Porto, dando um suporte a esta Escola no sentido de enquadrar outros contributos próprios e externos.
- > Não vou falar agora de sistemas e de modelos de ensino, mas apenas dizer que esses contributos incluem pessoas com diversas experiências, entre as quais está ali o Vitor Figueiredo e estou eu, que, por acaso, também estudámos no Porto...
- > Há, no entanto, diferentes maneiras de ser, diferentes interrogações, com apetências e opções de Arquitectura também diferentes, que constituem uma base sólida para esta Escola se desenvolver.
- > Estando em Coimbra difícil seria não citar a importância desta cidade não apenas para a arquitectura portuguesa, sobretudo no século XVI, mas também para a cultura do nosso país.
- > Basta referir o seu papel na poesia deste século; nem é preciso falar de Miguel Torga, mas apenas da Presença, do Novo Cancioneiro, e das tertúlias nos cafés e em casa de João Cochofel, em Coimbra e no Senhor da Serra, constituindo um local de encontro muito forte para a cultura artística portuguesa.
- > **Uma das questões principais é a de saber como Coimbra assumirá uma identidade própria como Escola de Arquitectura, qual a especificidade deste lugar de ensino que lhe conferirá a sua personalidade, através dum encontro de culturas e dum alargar do âmbito da arquitectura para além dos "estreitos" limites da composição, debruçando-se sobre a sua história e significação.**
- > **Quanto à Composição Arquitectónica, de fundamental importância para caracterizar uma escola, interessa dissecar os fundamentos dos sistemas compositivos. Ponderar exemplos e formas inovadoras, sem modelos rígidos. Inovação com base numa poética, apoiada no entendimento dum todo físico e mental.**
- > Abordando a criação arquitectónica de que já hoje se falou, pergunto: - Quais serão os mecanismos para a criação, para a concepção da Arquitectura? ...eu diria que são todos...
- > Não limitaria o processo ao desenho, e mesmo o desenho pode ter uma grande variedade expressiva, do ponto de vista conceptual.
- > Para além da representação clássica com plantas, alçados e cortes, ou perspectiva, com apontamentos à mão levantada ou utilizando a geometria com grande rigor, refiram-se esquemas lineares de teor abstracto, ou manchas reproduzindo fortes contrastes de luz e sombra, sei lá que mais, mas digamos que o essencial é que os métodos adoptados para

compor correspondam a uma procura de processos individualmente adequados para conceber e realizar a arquitectura.

- > E porque não assentar a pesquisa na análise volumétrica com maquetas, rigorosas ou “desleixadas” ou esquiçando no computador; por acaso não conheço ninguém que o faça, mas admito que se possa fazê-lo. Mas sem ser com modelos pré existentes (e o computador tem tantos modelos...), procurando uma utilização que seja um acto criativo capaz de originar novas formas...
- > E eu perguntaria, por exemplo, que coisas extraordinárias é que Piranesi faria com o computador?...
- > Do ponto de vista da composição da Arquitectura, a necessidade que temos de desenhar ou de fazer maquetes, ou adoptar outro meio para criar, é essencial que corresponda a uma evocação interior, a um processo mental.
- > E então pus-me a pensar na concepção musical e como faria um músico os esboços duma composição? ...Obviamente surgiu logo Mozart ao pensamento, e pensando nos meios tão restritos da escrita musical apercebi-me que o fundamental em qualquer trabalho criativo, independentemente dos meios de representação próprios de cada forma artística, é a capacidade mental de conceber, antecedendo a sua representação no papel. E ao iniciar a concepção de uma nova peça de arquitectura, com um sistema de visualização da obra, poderemos sempre lembrar-nos de Mozart e das dificuldades inerentes ao modo de composição musical.
- > A minha insistência na importância que tem para a Escola a possibilidade de nos encontrarmos com mais frequência, talvez de três em três meses..., não pressupõe qualquer crítica a não ser a todos nós, sem envolver o arquitecto Mário Kruger, por quem tenho muita consideração pelo trabalho realizado na direcção do departamento, para além da sua acção pedagógica, de muito mérito e grande generosidade, e estou a pesar as palavras...
- > A fim de equacionar as matrizes que nos ajudem na definição do que queremos deste curso, eu lançava um desafio... como tenho aqui ao lado o Domingos Tavares do Porto, porque é que também não havemos de fazer um encontro com o Porto?
- > Se há essa necessidade de discutir o nosso trabalho, o nosso ensino, porque não? Eles têm uma experiência mais antiga e podia ser importante para nós.
- > De qualquer modo o estudo da nossa Arquitectura, quando digo nossa digo da região centro, não só é central a nível territorial, mas também das experiências da história extremamente válidas... E também não é por acaso que designámos estes nossos encontros com o nome de Tomar, polo arquitectónico afim, também do centro do País...
- > As duas cidades, Tomar e Coimbra são pistas muito fortes para o nosso estudo e para sabermos o que queremos da profissão de arquitecto.

ecdj 050-071

Evocando a minha experiência.

- > Eu queria também falar aqui da minha experiência como estudante, e não apenas na do Porto, a mais extensa, ou na de Lisboa...

- > No início dos estudos fui expulso de Lisboa mas acabei ali o curso; estive na Finlândia e nos Estados Unidos, em Yale e Pennsylvania, e também conheço Escolas e programas actuais.
- > **Empurrado pelo destino mas também por vontade própria fui estudante durante anos em várias escolas, aqui e no exterior, e tenho mantido contacto com outras. Conheci muitas instituições e assisti a várias opções pedagógicas com êxitos, frustrações e, até, tragédias de bons professores incompreendidos e rejeitados.**
- > Em Yale, por exemplo, apesar dos notáveis professores que por ali passaram, a imagem de Louis I Kahn persistiu (ajudada pelas suas obras de Yale) muitos anos depois da sua saída para a Universidade de Pennsylvania, o que se deveu à compreensão que houve entre ele, a instituição e os estudantes, e que, posteriormente, frustrou Paul Rudolph cuja mensagem não era comparável.
- > 39. O Departamento de Arquitectura da Universidade de Pennsylvania que frequentei, não foi apenas Louis I Kahn, que lá se formou e ensinou, mas também os anteriores, Paul Cret, Franck Furness, e mais tarde Robert Venturi, o italiano Giorgola, o francês Le Ricolais, o escocês Mac Harg, não esquecendo Lewis Mumford e E.A. Gutkind, entre tantos outros.
- > O Departamento de Arquitectura do Instituto Superior Técnico de Helsinquia (aliás prefiro a ligação da arquitectura às Belas Artes...) hoje instalado num edifício de Alvar Aalto (que aliás nunca ali ensinou) também teve as suas crises, sobretudo na escolha polémica de novos professores, que agitaram o ambiente profissional finlandês.
- > Verifica-se haver hoje, apesar dum modelo sedimentado e generalizado de Ensino, grande perplexidade em todas as Escolas que conheço e dificuldade em inovar e procurar uma vocação própria.
- > Quanto à Escola de Coimbra é natural que se inspire na sua envolvente; há tempos dei uma volta por esta zona e verifiquei a quantidade de destruições que por aí decorrem... Pelo país todo, mas também nesta região...
- > Não tanto nas cidades e vilas que têm mais visibilidade, mas sobretudo nas aldeias e pequenos lugares, onde está tudo a ser passado... não diria a pente fino mas, talvez, a pente grosso...
- > Na realidade, julgo que esses acontecimentos revelam a existência dum campo de acção para os arquitectos. Quando as pessoas estão doentes precisam de um médico, não é? E quanto às pessoas que têm que construir ou transformar as suas casas ou ordenar as suas vilas, as suas aldeias, ou as suas cidades?
- > Digamos que a presença do arquitecto deverá ser mais constante do que é hoje. Fala-se muito de 1,3 arquitectos por não sei quantos habitantes, esta coisa do 0,3 faz-me sempre confusão, mas pronto...
- > Independentemente da sua adaptação a esses trabalhos serão assim tantos a exercer a arquitectura face às necessidades? Não sei... Nós vemos os desenhadores a intervir em todo o país, vemos as barbaridades que se fazem e se calhar são muitos, não sei...
- > Havia que assumir essa destruição a nível...- se calhar é pedir muito - a nível quase de

programa nacional, digamos assim...

- > E perguntar, para reflectir: -Será que nós gostamos do que temos ou não? Será que gostamos das nossas cidades? Será que gostamos das nossa vilas e aldeias?
- > Ou, de facto, nós já não nos reconhecemos em mais nada senão nas imagens de cidades e ruas e pessoas que vemos na televisão?
- > Antes a pessoa estava na aldeia e só via as casas e os vizinhos. Hoje as suas imagens mentais são outras... Não só estive em França e não sei onde... mas tem todo o mundo virtual presente. Pode medir e comparar, não se sabendo bem qual a medida para essa aferição. No entanto há uma pergunta a fazer. Será que temos identidade?... quando tudo destruímos à nossa volta?
- > Para respirar melhor voltamos à arquitectura para falar de architectos deste século que sempre prezei e, passando por cima da grande arquitectura do renascimento e barroco, por exemplo, fazer algumas citações...
- > Três desses architectos tiveram, duma forma ou doutra, origem rural, Wright, Corbusier e Alvar Aalto e o outro urbana, o Kahn.
- > O Wright dizia: - Quando ocupamos uma colina não devemos chapar um pudim no topo... Pressupunha um entendimento entre a colina e o edifício que a ocupava. Foi uma afirmação que nunca mais esqueci e que acho fundamental conhecer ou, pelo menos, sentir. A colina e o edifício são uma única entidade, digamos assim. Isso ficou-me desde há... sei lá quantos anos, 40 ou mais...
- > Aliás, no outro dia o Sérgio Fernandez fez a contabilidade (para esquecer...) de há quanto tempo nos conhecíamos.
- > Citei uma das frases de Frank Lloyd Wright que mais me impressionou, extraída dos seus livros cujos textos estão em sintonia com as suas obras, constituindo grandes lições de arquitectura. Nesta frase transmitiu-nos da forma mais genuína, remetendo-nos para a sua obra, a importância que tem para um architecto o entendimento dos sítios, na sua morfologia e cobertura vegetal, geradora da forma de implantação dos edifícios...
- > Hoje é quase uma banalidade afirmar essa importância mas para mim continua ancorada à figura do jovem Wright e à sua origem, no Wisconsin.
- > Corbusier, por outro lado, foi talvez quem melhor simbolizou, no campo da arquitectura, uma visão renovadora do mundo moderno, na sua dimensão cultural, cuja genuinidade deixou de existir, digamos assim, remetendo-nos hoje para um mundo virtual que pretende revitalizar ou talvez perpetuar, muitas vezes sem criatividade, a ideia do moderno.
- > A inegável ultrapassagem da ideia do Moderno gerou uma crise que ainda hoje estamos a viver, e que temos dificuldade de defrontar criativamente.
- > De Alvar Aalto extraí sempre a noção, este ano reafirmada, através de exposições da sua obra por todo o lado, da importância que tem a natureza, quer para a vivência do Homem, quer como fonte de materiais naturais, como a madeira, quer como inspiradora da forma arquitectónica. Trata-se de uma mensagem da maior importância, impossível de esquecer.
- > O aparecimento de Louis I Kahn no mundo da arquitectura deu-se em inícios de 60, em

plena crise do Movimento Moderno, e a sua arquitectura constituiu-se como uma síntese redentora dos factores que iriam persistir na arquitectura do século XX, antes de empreender uma nova procura enraizada na reinterpretação da história, numa lição profunda embora de difícil percepção por ser muito pessoal e nem sempre clara nos seus fundamentos.

- > Inicialmente pela palavra, junto dos alunos de Yale, e mais tarde pela prática, deu um novo sentido ao entendimento da história, ao conceber arquitectura apoiado no seu conhecimento poético, não pela reabilitação duma tradição académica caduca mas numa reflexão sobre os seus valores primordiais, que estão na génese e se situam na raiz do ser e das realizações do homem.
- > Ele próprio procurou essas raízes para lhes dar um novo sentido, através de imagens que reflectem a sua resposta às questões fundamentais que coloca, mas que podem ter outras respostas, factor a que atribuo uma grande importância...

A prática de ensino.

- > Por último queria falar no primeiro ano... O que vou dizer é mais uma banalidade, desculpem-me, mas para mim os estudantes são efectivamente a Escola.
- > Aliás fiquei muito contente ao ouvir hoje uma intervenção por parte dos estudantes. Posso não concordar com tudo, mas acho muito importante a sua reflexão e as suas opiniões. Porque eles podem não ter uma actuação muito directa a nível institucional, mas algo persistirá das suas posições...
- > Não era intencional mas lembrei-me agora, de repente, da Autobiografia do Wright, não sei se têm ideia da parte final do livro, quando ele conta a sua viagem ao Brasil e o encontro com os estudantes que queriam correr com os professores... o que não é o caso, aqui...
- > Nessa ida ao Brasil ele foi com Saarinen, o arquitecto finlandês autor da Estação de Helsínquia, um edifício notabilíssimo, que então vivia na América...
- > Quando chegaram lá, o Saarinen disse a Wright: - é pá, você veja lá, porque o ambiente aqui é muito difícil, esta gente é muito impulsiva e pode ser perigoso, não vá a gente meter-se em qualquer coisa, e não sei quê...
- > E Wright conta: - eu ouvi aquilo mas daí a bocado já estava metido de cabeça nas coisas, porque os estudantes vieram ter comigo e pediram-me para eu os apoiar na luta deles, porque queriam outros professores...
- > E, na realidade, o Wright apoiou-os nos plenários. Discutiu com eles e essa tralha toda e quando a Associação de Arquitectos lhe quis dar uma medalha, ele disse-lhes: - olhem, eu só aceito a medalha se apoiarem os estudantes de Arquitectura.
- > E sempre que lhe atribuíam uma medalha ele punha aquela condição de apoiar... Enquanto que Saarinen desapareceu e nunca mais ninguém ouviu falar nele... Isto foi só um aparte, lembrei-me agora... garanto que não estava no programa, surgiu de repente.
- > Referindo-me ao primeiro ano, e dada a dificuldade de diálogo que temos no Departamento, que não é intencional, mas depende do tempo disponível para criar pontes, sobretudo do primeiro ano para os posteriores (pois será mais fácil olhar dos outros anos para trás), é

difícil conhecer a sua real importância para o curso, o que evidentemente não acontece só aqui...

- > Às vezes só venho a retomar contacto com alguns estudantes no final do curso, e estou sempre numa incógnita, a pensar no que se terá passado, entretanto, nestes anos todos.
- > De qualquer modo foi nossa intenção criar um primeiro ano em que se tivesse a percepção do que era a arquitectura, dando a conhecer as cambiantes do trabalho que cabe ao arquitecto, as temáticas da arquitectura, as escalas de intervenção, etc.
- > Não vou aqui descrever as cadeiras e programas porque toda a gente sabe, mas apenas referir que pretendemos ter uma espécie de microcosmos do curso. E o que se passa a seguir já não nos pertence embora não nos deixe indiferentes...
- > A incógnita que referi não nos conduz a dizer: - Quero lá saber do que vem a seguir... Não é isso, porque perspectivámos o programa para este curso em particular, e já reforçámos, mais de uma vez, a proposta de rodar os professores de arquitectura pelos vários anos, para que melhor conhecessem o curso na sua totalidade, proposta essa não considerada.

Experiências do passado.

- > Ora bem, eu queria agora acabar duma maneira que talvez não fosse muito feia, enfim...
- > Lembrando mais uma vez a utilidade de debates entre os professores desta Escola, quando houver disponibilidade e sentirmos essa necessidade, recordo aqui, megalomanamente, a Academia de Arquitectura de Paris, fundada em 1671 por Colbert, cujos objectivos eram promover, através de reuniões semanais, o estudo, a reflexão e a transmissão de conhecimentos, no sentido de definir regras para o ensino público da arquitectura.
- > O objectivo dessa Academia, obviamente ambicioso, era o de tomar posição sobre a arquitectura oficial do reinado, e formar um núcleo para o ensino dos jovens estudantes de arquitectura.
- > Portanto, não iria aqui propor uma Academia de Luis XIV, que seria um pouco descabida, mas de algum modo reavia essa ideia na sua base que, aliás, está longe de ser nova entre nós...